
Real vs. Ficcional:
Um estudo sobre a dominação masculina na série *The Handmaid's Tale*

Real vs. Fictional:
A study on male domination in *The Handmaid's Tale* series

Mayara Veillard REIS¹⁰

RESUMO

O presente artigo faz uma análise sobre como a dominação masculina do contexto ficcional, da série *The Handmaid's Tale*, se assemelha ao real, através de um recorte de casos presentes em diversos períodos da história. A fim de compreender como a violência contra o gênero feminino se dá na sociedade, foram utilizados o método bibliográfico e a pesquisa documental. Por meio dessa pesquisa, foi possível evidenciar que o termo “distopia” não retrata o cenário apresentado, já que a série faz alusão às diversas formas de dominação masculina que já ocorreram, estão ocorrendo ou estão a ponto de eclodir no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Dominação masculina; Distopia; Cultura; Machismo estrutural.

ABSTRACT

This article analyzes how the male domination of the fictional context, from the series *The Handmaid's Tale*, resembles the real, through a snapshot of cases present in different periods of history. In order to understand how violence against women occurs in society, the bibliographic method and documentary research were used. Through this research, it was possible to show that the term “dystopia” does not portray the scenario presented, since the series alludes to the various forms of male domination that have already occurred, are occurring or are about to break out in the world.

KEYWORDS: Male domination; Dystopia; Culture; Structural male chauvinism.

INTRODUÇÃO

As mulheres estiveram em situação de subalternidade e invisibilidade durante séculos ao redor do mundo. Mesmo atualmente, muitas delas convivem com a anulação do protagonismo de suas próprias vidas, tendo seus direitos negados e sendo dominadas por figuras masculinas que impõem força e poder sobre elas.

¹⁰ Recém-graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Faculdades Ibmecc; e-mail: mayaraveillard@hotmail.com

O cenário atual do Brasil e do mundo é um exemplo disso. Os discursos extremistas carregados de ódio contra minorias sociais, entre estas as mulheres, de representantes do governo se estendem para indivíduos comuns da sociedade, levando a uma divisão de classes e ao fanatismo exacerbado do politicamente incorreto, como é o caso do governo Bolsonaro, que influencia muitos eleitores com posicionamentos que incitam a violência contra diversos grupos da sociedade.

O atual presidente do Brasil, por exemplo, já comparou o nascimento da sua filha a uma fraquejada, afirmou que não estupraria a então deputada federal e ex-ministra de Direitos Humanos Maria do Rosário porque ela “não merece” por ser “muito feia”, além de corroborar com discursos de outros bolsonaristas que trazem prejuízos às mulheres.

Citando a filósofa e teórica social francesa Simone de Beauvoir (1949, p.29), “basta uma crise política, econômica e religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados”. Portanto, é importante entender como funcionam os regimes totalitários e as imposições religiosas para compreender como uma sociedade é contaminada com ideias radicais e participa, ou consente, do combate a grupos vistos como inferiores.

1. O ENCLAUSURAMENTO E OS CONCEITOS POR TRÁS DELE

O termo “fascismo” pode ser explicado como qualquer tipo de ultranacionalismo no qual a figura de um líder autoritário, se dizendo porta-voz do povo, representa a nação. Apesar de em cada país soar de uma forma, essa política possui algumas estratégias características, como: “o passado mítico, propaganda, anti-intelectualismo, irrealidade, hierarquia, vitimização, lei e ordem, ansiedade sexual, apelos à noção de pátria e desarticulação da união e do bem-estar público” (STANLEY, 2018, p. 14).

Em seu livro intitulado *Como Funciona o Fascismo: a Política do “Nós” e “Eles”*, Jason Stanley (2018) explica o importante papel de cada uma dessas estratégias. Dentre elas, o anti-intelectualismo, que tem como função retirar da sociedade a possibilidade de debater, criticar e se expressar. Esse regime busca desvalorizar a educação e impor que o seu ponto de vista seja implementado nos centros escolares e universitários, por exemplo, para ganhar mais força e poder diante do povo.

Outra importante estratégia é a irrealidade, a responsável por distorcer a verdade, fazendo com que o grupo dominante crie um sentimento de desconfiança e perda diante dos que são responsabilizados por isso: a classe dominada. Discursos falsos e repetitivos promovem a gradativa perda do que antes entendia-se por realidade e uma única figura central, ou um partido político, cria mais poder. Isso contribui para uma sociedade idealmente fascista, ou seja, inapta a avaliar discursos e que aceita a substituição da igualdade pela hierarquia.

A cientista política alemã Elisabeth Noelle-Neumann apresentou, em sua obra *A Espiral do Silêncio: Opinião Pública - Nossa Pele Social* (2017), a teoria da Espiral do Silêncio muitos anos antes, na qual estudou um conceito que contribui para o sucesso dessas estratégias. Proposta em 1977, essa teoria aponta para os agentes sociais que, ao perceberem o ambiente ao seu redor e constatarem que sua opinião se contrapõe às classes dominantes, buscam evitar situações conflitantes, aceitando e incorporando o discurso predominante.

Segundo o estudo, esse comportamento faz com que haja uma tendência gradativa ao silêncio, denominado como espiral, o que leva outros indivíduos a não verbalizar que compartilham da mesma visão da minoria. Com isso, maior se torna o ônus social de quem expressa uma opinião divergente, já que se opor aos grupos dominantes pode provocar isolamento, críticas e ridicularizações.

Partindo desse conceito, Noelle-Neumann (2017) salienta a onipresença da mídia como a principal responsável pela formação e, até mesmo, mudança de opinião a respeito da realidade, por parte do público. Ao analisar pesquisas do Instituto Allensbach, iniciadas em 1952, sobre a autopercepção dos alemães, a autora concluiu que a forte influência da mídia não se limitava ao sobre o que opinar, mas o que pensar ou dizer.

A pesquisadora começava a chamar a atenção para o poder que a mídia possuía, muito especialmente a televisão, para influir sobre o conteúdo do pensamento dos receptores. Revisava ela, desta maneira, as teses então correntes de que a mídia afetava apenas parcialmente o público, contraponto que, na verdade, haveria uma tendência dos jornalistas em produzirem o que ela denominava então de uma “consonância irreal quando relatam os acontecimentos” (HOHLFELDT, 1998, p. 36).

Portanto, esse comportamento massificado está associado não apenas ao medo da crítica e isolamento, mas também, e talvez principalmente, pela sensação de pertencimento, anonimato e proteção. O que explica a afirmação de Noelle-Neumann (2017) de que as pessoas não são influenciadas apenas pelo que os outros dizem, mas também pelo que imaginam que eles poderiam dizer e pelo que silenciam.

2. A QUESTÃO DO CORPO DAS MULHERES

Por meio do entendimento dos conceitos apresentados, é possível compreender de que forma as mulheres passaram a conviver com a opressão, objetificação e dominação masculina. Porém, para ampliar essa compreensão, é importante citar histórias do misticismo e cristianismo, que, ao longo dos séculos, legitimaram discursos que associam a figura feminina a uma representação da morte, do mal, da tentação, da desobediência e do pecado.

A figura mística Pandora, conhecida em muitas culturas como a fonte do mal, vem do mito grego de que Zeus enviou sua primeira filha ao Epimeteu que, mesmo alertado por seu irmão, Prometeu, a não aceitar presentes do rei dos deuses, tomou como esposa a mulher que, junto consigo, levou em uma caixa os males que afligem a humanidade: velhice, doença, loucura, trabalho, paixão e mentira.

Essa história se assemelha muito a uma bastante conhecida por diferentes povos e culturas: Adão e Eva no paraíso. Assim como na mitologia, aqui a mulher também é a responsável por levar a desgraça e o pecado ao mundo. Eva, ao comer do fruto proibido, comete um erro irremediável e, assim como Pandora, leva o seu companheiro à falha, condenando a humanidade ao sofrimento.

Quanto ao aspecto mítico, conforme apontado por Pauline Schmitt- Pantel, até mesmo a idéia da “criação da mulher” a traz como introdutora da morte e do mal no mundo, o que pode ser visto nos relatos de criação de Pandora, na tradição grega, e de Eva, na judaico-cristã. E talvez por ser a mulher sempre considerada a ‘pecadora’ da história, é que foram imputados tantos pudores na educação sexual das moças, principalmente no século XVIII, quando lhes era negado o direito de obter conhecimentos acerca de sua sexualidade antes do casamento, mais precisamente a experiência do coito. Por causa desse tabu,

a primeira relação sexual era vivenciada com culpa e vergonha (ANGELI, 2004, p. 244).

Essas ideias preconcebidas e arraigadas na sociedade constituem as relações de poder entre homens e mulheres, o que as oferecem um espaço social limitado e restrito. Devido a isso, muitas mulheres convivem, ainda atualmente, com a anulação de direitos básicos, como o de tomar decisões sobre o seu corpo e seu futuro. A mutilação genital feminina, os crimes de honra e o casamento por rapto são exemplos disso.

A divisão entre os sexos parece estar "na ordem das coisas", como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas "sexuadas"), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (BOURDIEU, 2011, p. 17).

A mutilação genital feminina é a prática de remoção de órgãos sexuais externos femininos, ou seja, a extração do clitóris e dos grandes lábios. Esse crime, motivado por aspectos culturais e religiosos, é principalmente praticado em países do continente africano, continente asiático e Oriente Médio. Entre os principais problemas relatados pelas mulheres que já sofreram com esse procedimento, é possível destacar: depressão; dificuldade para urinar; dificuldade para engravidar.

Essa cerimônia serve como uma garantia da paternidade dos filhos das vítimas, da honra da família e de fidelidade no matrimônio, além de ser uma maneira de ampliar o prazer masculino. As mulheres que se opõem a essa prática são socialmente excluídas, vistas como impuras e se tornam inaptas ao casamento. Como consequência, elas sofrem discriminação, são expulsas de suas comunidades e tem seus órgãos sexuais rotulados de sujos e feios.

Já o crime de honra, como a própria denominação já diz, é um ato de violência motivado por um desvio de conduta da vítima perante o agressor. Esse crime consiste no homicídio de uma pessoa, em sua maioria mulher, por parte de um membro da família por este considerar que o comportamento em questão foi de prejuízo a moral da família ou aos princípios da

comunidade. A prática é encarada como um ato justificável e, muitas vezes, heroico, pois a valorização da cultura, costumes e religião é admirada.

Esse tipo de crime pode ter inúmeras motivações, mas todas estão relacionadas aos conceitos de dignidade e virtude que a sociedade impõe às mulheres. Entre as principais, destacamos: ter relações sexuais antes ou fora do casamento, optar pelo divórcio, renunciar a uma fé, ser vítima de violação sexual e usar roupas consideradas inapropriadas. Assim como as motivações, os tipos de agressão são diversos, podendo ser desde violações coletivas a esfaqueamentos, porém, sempre com o objetivo de tornar a morte lenta e dolorosa.

Em todas as sociedades islâmicas o conceito de honra ocupa um lugar fundamental na hierarquia dos valores sociais, estando substancialmente ligado à respeitabilidade da mulher. [...] Deve-se à ética da honra a organização de uma sociedade rigidamente hierárquica entre os sexos. A poligamia masculina, o direito do homem ao divórcio, a circuncisão das meninas, o uso do véu: são todos eles costumes que giram em torno da honra feminina. Quando a mulher fracassa socialmente porque perde a honra, ainda que essa privação não dependa de uma transgressão voluntária, mas seja devida a fatores externos (ex.: violência sexual), a tragédia se projeta sobre toda a família, que é arrebatada pela vergonha. A solução para restaurar o decoro perdido pode ser, inclusive, extrema: o homicídio (MAGLIE, 2017, p. 101).

Além de legitimados por doutrinas e dogmas religiosos, os crimes de honra são sustentados por fatores culturais. Os seres humanos, através da herança cultural desenvolvida por muitas gerações anteriores, estão condicionados a não saber reagir a hábitos e condutas que desviam dos padrões estabelecidos e aceitos pela sua comunidade. Isso resulta na discriminação e repressão de comportamentos que contrariam o conceito de honra dentro de uma sociedade (LARAIA, 2013).

Outra prática que se utiliza da dominação masculina sobre os corpos e desejos das mulheres é o casamento por rapto. A prática, muito comum em países como a África do Sul, Etiópia, Cazaquistão e Armênia, já ganhou até mesmo um termo no idioma do Quirguistão, o “*Ala kachuu*”, que significa “pegar e fugir” e sugere o costume local de raptar jovens para submetê-las ao matrimônio forçado.

O casamento por rapto faz com que as vítimas sejam agredidas, violentadas, subjugadas e retira delas a imagem de pureza, além de muitas vezes desencorajar outros pretendentes a tentarem um relacionamento tradicional, pois ao resistirem ao matrimônio forçado, essas mulheres são vistas pela sociedade como inflexíveis e difíceis de controlar.

Além de prejudicial para a saúde das jovens raptadas, esse crime costuma ter efeitos negativos sobre os filhos oriundos dessas relações forçadas, que acabam por nascer menores do que a média. O impacto que essas mulheres sofrem com o casamento por rapto faz com que muitas vivam com grande estresse psicológico e, em alguns casos, resulta em suicídio.

3. O CASO DAS AIAS

1 Vendo Raquel que não dava filhos a Jacó, teve ciúmes de sua irmã e disse a Jacó: Dá-me filhos, senão morrerá.

2 Então, Jacó se irou contra Raquel e disse: Acaso, estou eu em lugar de Deus que ao teu ventre impediu frutificar?

3 Respondeu ela: Eis aqui Bila, minha serva; coabita com ela, para que dê à luz, e eu traga filhos ao meu colo, por meio dela. (Gênesis 30:1-3)

Em busca de uma sociedade com valores tradicionais e respeito aos ideais conservadores, o novo regime teocrático dos Estados Unidos distópico apresentado em *The Handmaid's Tale* faz uma leitura deturpada da religião cristã. Embasada no texto bíblico citado acima, a família tradicional representada pela série justifica e impõe o estupro, legalizado e naturalizado na trama, das raras mulheres férteis, as denominadas “Aias”.

Nesta adaptação do livro *O Conto da Aia*, da canadense Margaret Atwood, os Estados Unidos de hoje passam a se chamar República de Gilead, e essa não é nem de longe a mudança mais drástica sofrida pelos cidadãos do país. Com um discurso ideológico baseado no Velho Testamento, o Estado patriarcal divide as mulheres em castas, representadas na série pelas cores das roupas e retira delas todos os direitos fundamentais.

A sociedade apresentada na série convive com uma organização social baseada em medo, culpa e uma ideia distorcida de salvação. As mulheres são impostas a respeitar as regras do patriarcado e a servir esse sistema. O desvio de conduta é combatido, sem exceção, com severas punições, que refletem em graves danos à saúde física e psicológica delas.

Mas podemos sem dúvida ressaltar esse tema geral de que, em nossas sociedades, os sistemas punitivos devem ser recolocados em uma certa “economia política” do corpo: ainda que não recorram a castigos violentos ou sangrentos, mesmo quando utilizam métodos “suaves” de trancar ou corrigir, é sempre do corpo que se trata – do corpo e de suas forças, da utilidade e da docilidade delas, de sua repartição e de sua submissão (FOUCAULT, 1987, s.p.).

Na trama, as próprias mulheres, contaminadas com esses discursos, passam a ter uma autopercepção pejorativa de seu gênero, o que cria necessidades depreciativas que conhecemos por rivalidade feminina, desejo por aprovação do homem, reprodução de falas e atitudes machistas etc. A interpretação deturpada da palavra de Deus gera práticas sociais que elevam e intensificam a superioridade masculina e o que se entende pelo lugar da mulher.

O que essa lógica nos leva a refletir é sobre como uma história que ensina sobre o amor e um estilo de vida que deve ser incorporado pela humanidade em geral leva toda uma sociedade a repudiar, discriminar, inferiorizar e escravizar um gênero. A conclusão que se chega é a de que a visão cega e deturpada desses textos é utilizada como forma de controle e dominação, que se iniciaram na igreja, mas são de grande valia para outras instâncias sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das primeiras impressões que se tem ao assistir *The Handmaid's Tale* é que, assim como acontece na série, é possível que qualquer ideia seja implementada gradativamente em uma sociedade sem que as pessoas percebam que estão sendo conduzidas àquilo. Na trama, as mulheres passam a perder todos os seus direitos gradativamente, até notarem que não possuem mais qualquer voz ou espaço para reivindicá-los.

Assim como no contexto real, no ficcional, os sentimentos de perda, humilhação e medo são fatores fundamentais que contribuem para que grupos extremistas, que não chegariam ao poder em outras circunstâncias, se apoderem de posições de destaque e utilizem isso para colocar em prática seus discursos radicais e combater uma minoria eleita.

A personagem principal de *The Handmaid's Tale* vivia uma vida normal, como de qualquer outra jovem, e, sem que se percebesse, a sua rotina de estudos, trabalho, vida social e

amorosa se transformou em um pesadelo. Tudo é retirado dela, inclusive a própria filha. Isso pode surpreender em um primeiro momento, porém, ao analisar de perto e fazer um paralelo com a realidade, é possível identificar muitas histórias semelhantes as do contexto real.

Uma sociedade dividida por castas, ainda nos dias de hoje, é uma prática cultural muito presente na Índia. Na Argentina, no período da ditadura militar, muitas crianças foram sequestradas e, anos depois, encontradas com famílias de militares. Líderes autoritários e com discursos de ódio contra minorias estão presentes em diversos momentos da história, inclusive atualmente. Agressões e mutilações a mulheres são práticas ainda muito comuns em diversas partes do mundo até hoje. Ou seja, não há nenhuma barbaridade representada na série que tenha sido puro fruto da imaginação da autora.

O contexto ficcional faz eco do real e assusta pela semelhança. Além da história proporcionar muitos exemplos similares aos retratados pela série, o cenário atual do Brasil e do mundo sugerem que as minorias, e principalmente as mulheres, devem abrir os olhos para os pequenos passos em direção ao conservadorismo extremo, à busca pelos valores da família tradicional e de outras formas de opressão e silenciamento.

Esse recorte do contexto real corrobora a fala de Margaret Atwood (2004), autora do livro que inspirou a série *The Handmaid's Tale*, de que a trama não se trata de uma distopia, pois tudo já aconteceu ou parece estar a ponto de eclodir na realidade. Os dois contextos reforçam a necessidade de estar atento ao retorno e ascensão de governos ultraconservadores com discursos autoritários e de ódio contra grupos marginalizados (STANLEY, 2018).

REFERÊNCIAS

ANGELI, D. **Uma breve história das representações do corpo feminino na sociedade**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. 2º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Sociedade Bíblia do Brasil, 1988.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 10º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CAIXA DE PANDORA: como a curiosidade arruinou a humanidade. **Hipercultura**. Disponível em: <https://www.hipercultura.com/caixa-de-pandora/>. Acesso em: 05 nov. 2019.

EM VÍDEO de palestra, Bolsonaro diz que ter filha foi 'fraquejada'. **Blog do Moreno**, O Globo, 06, abril 2017. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-moreno/post/em-video-de-palestra-bolsonaro-diz-que-ter-filha-foi-fraquejada.html>. Acesso em: 08 maio 2021.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 27^o ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

HOHLFELDT, A. Espiral do silêncio. N^o 8. Porto Alegre: **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 5 n. 8, p. 36-47, jul. 1998.

LARAIA, R. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MAGLIE, C. **Crimes Culturalmente Motivados**: ideologias e modelos penais. São Paulo: Editora MATHEWS, J. D. Eu os declaro sequestrador e mulher. **Revista Trip**, 16 dez. 2010. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/eu-os-declaro-sequestrador-e-mulher>. Acesso em: 13 out 2010.

NÓ DE OITO. **6 Paralelos Assustadores entre The Handmaid's Tale e a Vida Real**. Disponível em: <http://nodeoito.com/paralelos-handmaid-tale-vida-real/>. Acesso em: 22 out. 2019.

NOELLE-NEUMANN, E. **A Espiral do Silêncio**: opinião pública, nosso tecido social. Florianópolis: Estudos Nacionais, 2017.

O CONTO da Aia não é uma distopia! **Minas Nerds**. Disponível em: <http://minasnerds.com.br/2018/08/10/o-conto-da-aia-nao-e-uma-distopia/>. Acesso em: 02 nov. 2019.

ONTIVEROS, E. Mutilação genital feminina: o que é e por que ocorre a prática que afeta ao menos 200 milhões de mulheres. **BBC News Brasil**, 06 fev. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47136842>. Acesso em: 08 out. 2019.

TRADIÇÃO horrível: Rapto de noivas ainda é tolerado em muitos países. **Não Acredito**. Disponível em: <https://home.naoacredito.com.br/rapto-de-noivas/>. Acesso em: 13 out. 2019.

RAMALHO, R. Bolsonaro vira réu por falar que Maria do Rosário não merece ser estuprada. **G1**, Brasília, 21 jun. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/06/bolsonaro-vira-reu-por-falar-que-maria-do-rosario-nao-merece-ser-estuprada.html>. Acesso em: 08 maio 2021.
Revista dos Tribunais, 2017.

SEPÚLVEDA, L. O que é mutilação genital feminina e por que ela acontece? **Brasil de Fato**, 22 ago. 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/08/22/o-que-e-mutilacao-genital-feminina-e-por-que-ela-acontece>. Acesso em: 08 out. 2019.

STANLEY, J. **Como funciona o fascismo**: a política do “nós” e “eles”. Porto Alegre: L&PM, 2018.

UMA EM CADA cinco mulheres é sequestrada para casar, em país da Ásia. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 ago. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/uma-em-cada-cinco-mulheres-sequestrada-para-casar-em-pais-da-asia-21657728>. Acesso em: 12 out 2019.